

Núcleo de Educação Popular 13 de Maio - São Paulo, SP  
**CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA**

EDIÇÃO 1309 1310 – Ano 30; 4ª Semana Agosto 1ª Setembro 2016.

**Breaking Bad** (Temp.1 Ep. 14) **EUA: exploração  
e atualidade da teoria de Marx.**

JOSE MARTINS.

A variação da *produtividade do trabalho* ou taxa de exploração da classe operária antecipa a variação da produção de capital. Assim, as perspectivas dos próximos seis meses da produção industrial norte-americana que tratamos no boletim anterior (“EUA: produção industrial acima do esperado”) pode ser mais bem estabelecida observando-se agora a correspondente evolução cíclica da *produtividade do trabalho* naquela indústria. Esse aumento da precisão acerca dos limites da produção industrial e início da crise é possível porque – como nossas observações anteriores sobre as flutuações econômicas comprovam – em todos os ciclos econômicos as flutuações desta produção industrial (seguida pela superprodução) são rigidamente determinadas pela variação da produtividade da força de trabalho. Essa comprovação é de grande importância para a análise porque a evolução mais precisa da produtividade comparativamente às demais categorias envolvidas na dinâmica econômica neutraliza aquela problemática elasticidade e relativa indeterminação do tempo de expansão da produção e da superprodução industrial em diferentes ciclos, problema com que nos defrontamos no boletim anterior.

*Nota bene:* aqui estamos a falar de acordo com a teoria econômica dos trabalhadores (Marx e Engels). Assim, tanto a produtividade do trabalho quanto a produção industrial são mensuradas rigorosamente em termos de valor e de mais-valor. Independentemente de suas formas correspondentes de salários, preços e lucro. Não existe outra forma de se medir criteriosamente a produtividade. Note-se também que essas relações sociais de exploração capitalista da classe operária mundial – escondidas nas mais variadas formas e fetichizações do valor e da mais-valia – se desenrolam de maneira desigual e combinada no mercado mundial. Já tratamos anteriormente deste assunto. Inúmeras vezes, nos quase trinta anos deste boletim. Vamos em frente.

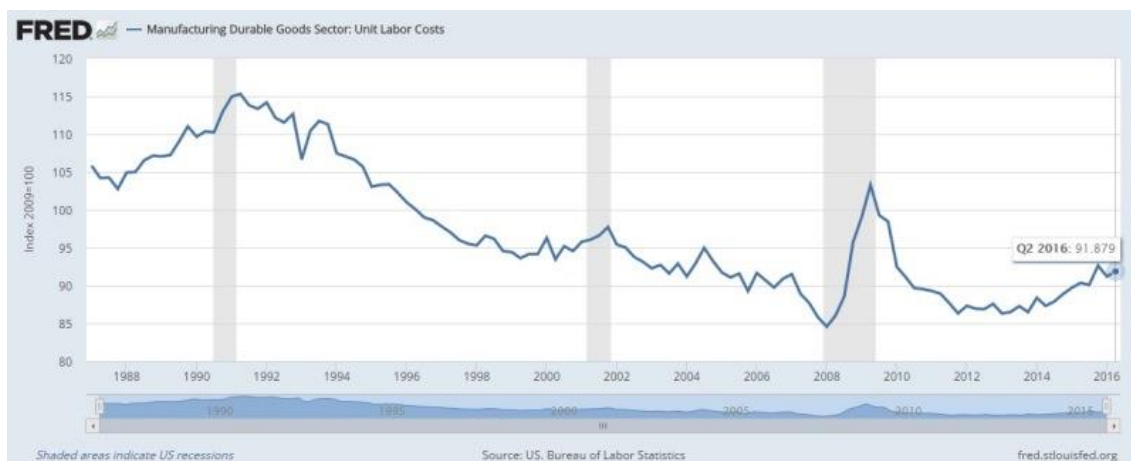
Analisemos agora os dados mais recentes a respeito das relações entre a produção e a produtividade na economia reguladora do mercado mundial. Nesta quinta-feira (1º setembro) o Departamento do Trabalho dos EUA publicou seu relatório sobre a produtividade da força de trabalho, referente ao 2º trimestre/2016.<sup>1</sup> São dados revisados, portanto mais definitivos que aqueles publicados preliminarmente trinta dias atrás.

---

<sup>1</sup> Bureau of Labor Statistics, “*Productivity and Costs, Second Quarter 2016, Revised*”, 1º Set. 2016).

Façamos um breve balanço da evolução da produtividade do trabalho no decorrer do ciclo atual, quer dizer, 2009 como ano base. Nos três primeiros anos (2009/2012) ocorre expansão recorde da *produção por hora trabalhada* de mais de 6% ao ano. Essa é a medida mais ampla da produtividade ou taxa de exploração da classe operária. Em 2012, a classe produzia mais de 20% de valor e de mais-valor que no mesmo tempo do ciclo anterior. A partir de 2013, entretanto, estagnação. No 2º trimestre/2016, último dado disponível, a *produtividade por hora trabalhada* nos EUA permanecia pouca coisa acima do nível de 2013.

Entretanto, como a *massa salarial média* permaneceu rigorosamente estagnada no decorrer de todo o ciclo, enquanto a produção industrial aumentou para um patamar 35% superior ao ano base de 2009, o *custo unitário do trabalho* continuou caindo até 2014. Este “custo” é a medida estatística oficial que mais se aproxima da categoria *valor da força de trabalho*, ou, simplesmente, *salário relativo*. Assim, doravante denominaremos esse “custo” simplesmente como *salário relativo*, tal como é tratado em Ricardo e Marx. Vejamos então no gráfico abaixo a evolução ampliada do salário relativo na indústria norte-americana aos três últimos ciclos periódicos.



Antes de continuar: não confundir *salário relativo*, categoria da produção de capital, com *salário real*, categoria da repartição do produto. Assim, para uma dada *massa de mais-valia* (ou de lucro) a variação do salário relativo determina a *taxa de mais-valia* ( $mv/v$ ). Apenas neste caso pode-se afirmar que quanto menor o salário maior a taxa de mais-valia e vice-versa. O mesmo não se pode dizer do salário real, que geralmente varia no sentido contrário do salário relativo. Enquanto este último deve necessariamente cair no decorrer do ciclo, para que ocorra a produção e acumulação de capital, o salário real (poder de compra) pode eventualmente aumentar. Mas pode também cair, depende do país em que os trabalhadores se encontram e da correspondente luta política (Estado) pela repartição do produto, principalmente da ação sindical. Exploração e desigualdade são duas coisas diferentes, embora a primeira determine a segunda. Essas regras gerais sobre diferentes formas de salários são importantes para se esclarecer as diferenças de salários entre as nações. Já tratamos exaustivamente também deste assunto ao longo dos nossos trinta anos de vida.

Voltemos aos números. As áreas ou colunas cinza no gráfico acima representam os períodos de crises periódicas. Observa-se que o salário relativo cai permanentemente, no longo prazo. Quer dizer, a *taxa de mais-valia* ou de exploração da classe operária deve crescer ininterruptamente no regime capitalista de produção. Não se admite afrouxamento dos grilhões que aprisionam a classe operária às cadeias produtivas globais de capital. Mesmo (ou principalmente) na maior potência econômica, militar e democrática do planeta.<sup>2</sup>

Quando a queda do salário relativo é interrompida em determinado ciclo econômico anuncia-se mais um período de crise do capital. Esse fato também é ilustrado pelo gráfico acima. Mostra também que essa nova crise só poderá ser superada com elevação ainda maior da taxa de produtividade e conseqüente diminuição do salário relativo, unidade que possibilita a elevação da taxa de exploração (ou de mais-valia) a que estamos referindo.

*Nota bene:* Essa unidade entre produtividade e salário relativo fundamenta-se no *duplo caráter do trabalho apresentado na mercadoria*, tal como Marx desenvolve no item 2 do capítulo 1 de “O Capital”. Vale a pena ser lido para analisar melhor a produtividade ou o fundamento mais profundo da exploração no regime capitalista. Teoria existe, em geral, exclusivamente como necessidade da análise científica da realidade material. Sem essa leitura fica bem difícil para qualquer um elucidar o movimento real da produtividade. Marx foi o primeiro a desconstruir essa unidade entre trabalho concreto e trabalho abstrato que estamos tratando neste boletim. Nem Smith nem Ricardo o fizeram. No entanto, encontra-se aí a gênese histórica da produtividade e da correspondente exploração da classe proletária nos diferentes modos de produção que se sucederam até sua plena realização na atual civilização capitalista. Para Marx, toda a dificuldade de Ricardo, o maior dos economistas, foi considerar em sua análise a produção de capital como natural e não histórica.

O movimento básico de permanente aumento da exploração da classe proletária para sustentar a produção e acumulação do capital é ilustrado claramente no gráfico acima. Mostra que, nos últimos setenta anos, o ponto mais elevado da exploração da classe operária dos EUA ocorreu precisamente no 1º Trimestre 2008. A crise inicia-se no trimestre seguinte, com o salário relativo subindo até o 2ª Tr. 2009. O início da superação de mais uma crise periódica (embora parcial) é registrada no 3º Tr. 2009, com

---

<sup>2</sup> Não se trata aqui de um embate ideológico, que poderia ser resolvido ou aliviado no decorrer de uma progressiva evolução democrática de reformas políticas. Do “aperfeiçoamento das leis” do “Estado Pacificador” de Hegel ou do “Estado Socialista” de Stalin e suas viúvas do século 21. Trata-se exatamente do oposto destas ideias burguesas e burocráticas de dominação e controle da luta de classes. O contínuo e progressivo aumento da exploração da classe operária mundial é uma necessidade histórica e material do ser capital, quer dizer, da produção e da acumulação da propriedade privada capitalista. Antecipa aos problemas da repartição do produto e das desigualdades de rendimentos. O contínuo e progressivo aumento da exploração da classe operária mundial é uma necessidade que só pode ser eliminada por ela mesma, quer dizer, por uma revolução mundial comandada exclusivamente pela única classe ao mesmo tempo explorada e produtiva no atual regime.

a retomada da queda do salário relativo. Essa retomada corresponde a nova temporada de elevação da taxa de mais-valia. É por isso que a produção industrial continuou crescendo fortemente até 2014, como observamos no boletim anterior. A partir de 2015, entretanto, o salário volta a se elevar velozmente. No 2º trimestre/2016, conforme dados publicados nesta semana no relatório citado, já tinha se elevado para um nível superior a 2010, exatamente quando se iniciou o atual período de expansão. Volta à estaca zero do atual período de expansão. Segundo a boa teoria econômica, como vimos mais acima, a produção de capital não se sustenta muito tempo sem o contínuo aumento da exploração da classe operária. É no interior dessa evolução do processo mais amplo de valorização do capital que se desemboca agora em nova plethora de capital, em pleno curso neste ano de 2016. Com a queda da taxa de mais-valia o fogo da acumulação se apaga lentamente. *Hic Rhodus, hic saltus!*

**Sobre a política:** neste momento, os capitalistas de Wall Street e seus economistas estremecem só de pensar em uma possível “estagnação secular”. É assim que eles percebem a aproximação de uma depressão econômica global. Tremulamente. Seus melhores economistas, pelo menos. Na última semana, os dirigentes dos maiores Bancos Centrais do planeta (G7), reuniram-se para sua conferência anual na cidade norte-americana de *Jackson Hole*. Não chegaram a nenhuma conclusão sobre a natureza da deflação que assola as maiores economias do mundo (incluindo os EUA) e, portanto, a nenhuma ideia do que pode acontecer proximamente com os salários, os preços, a moeda e os juros. Os guardiões da moeda não são capazes de explicar porque ela está desaparecendo.

Os homens do mercado observam com preocupação bastante prática que os bancos centrais perdem abruptamente sua relevância. Com taxa de juros negativas os mecanismos de intervenção anticíclicas dos bancos centrais tornam-se inócuos. Quem poderá salvá-los quando da explosão da próxima crise que se aproxima? No final da conferência de *Jackson Hole*, os mais destacados economistas liberais dos EUA presentes, como Larry Summers, principal teórico da duvidosa tese da “estagnação secular”, limitaram-se a declarar sem qualquer remorso de defensores do livre jogo do mercado e dos laboriosos empresários da livre iniciativa que a única forma de compensar a falência da política monetária é um política fiscal de gastos financiados por um aumento sideral da dívida pública para a construção de uma plethora de obras de infraestrutura. Uma ressurreição do “New Deal” dos anos 1930 de Roosevelt na segunda metade dos anos 2010? É muita falta de imaginação.

Afinal, a história pode ser repetida? Claro que pode, só resta definir como a farsa se repetirá. Como ela se rerepresentará desta vez ao distinto público. Além dessa bobagem de obras públicas, que não resolve coisa nenhuma, só uma massiva produção de armamentos pode representar uma demanda agregada verdadeiramente eficiente para evitar a depressão nos EUA. Manter o capital em ponto morto, pelo menos enquanto durar a guerra. E o resto do mundo que se vire, como consta do programa eleitoral de Donald Trump. Foi exatamente esse “programa fiscal” que melhor caracterizou o

Estado terrorista de Roosevelt, que permaneceu e se reforçou crescentemente nos últimos setenta anos.

Trump é o Estado. Ou melhor, é a personificação mais adequada ao caráter da sofisticada e moderna democracia norte-americana. Sua máscara pública. Hillary e Sanders também; estão apenas um pouco desatualizados para as novas tarefas. Ou figurações. Mas quase nada depende destes patéticos figurantes da sociedade espetacular. Nem Trump nem Hilary decidirão pessoalmente muita coisa. Como aconteceu com Obama e presidentes anteriores. Há muito tempo o Estado político foi substituído pelo Estado capital. Nestas condições, o presidente da República não passa de relações públicas da estrutura terrorista do Estado, hierarquicamente muito abaixo que CIA (Agência Central de Inteligência); NSA (Agência de Segurança Nacional); NRO (Escritório Nacional de Reconhecimento) e outras menos votadas.

Ninguém sabe exatamente as consequências da nova aventura de quem começa a sentir que perdeu as armas puramente econômicas para enfrentar o monumental choque que se aproxima. O que estamos carecas de saber é que nestas condições as armas propriamente ditas são insubstituíveis. Soam as sete trombetas e rufam tambores no reino da Dinamarca! Só o Estado salva! bradam os liberais no documento final da *Jackson Hole Conference*. A economia capitalista global se aproxima do seu buraco negro. Como uma coisa andrajosa que anda muito mal das pernas e que quanto mais avança pior fica.